



A Proposta de uma *Ciência Universal* na *Arte Breve* (1308) de Ramon Llull

La propuesta de una Ciencia Universal en la *Ars Brevis* (1308) de Ramón Llull

A Proposal for a *Universal Science* in *Ars Brevis* (1308) by Ramon Llull

Fabricia dos Santos GIUBERTI¹

Resumo: Como apaixonado seguidor de Ramon Llull, Nicolau de Cusa, tinha, em sua biblioteca particular, várias obras do filósofo catalão. Uma das versões da *Arte* de Llull que mais tiveram difusão nos séculos seguintes à sua morte foi a *Arte Breve* (1308) exatamente por se tratar de uma simplificação de sua proposta de criar uma ciência universal, ideia tão a gosto do pensamento moderno ainda em gestação. A proposta deste artigo é apresentar as linhas gerais da estrutura de sua *Arte*, já que o maiorquino passou à posteridade como um inovador original das propostas medievais de unificação de todas as Ciências.

Abstract: As a passionate follower of Ramon Llull, Nicolau de Cusa, had in his personal library, several works of Catalan philosopher. One version of Art Llull which had spread over the centuries following his death was the Art Brief (1308) precisely because it is a simplification of his proposals to create a universal science idea as to suit modern thought still in gestation. The purpose of this issue is to present the general structure of his art, as the Mallorcan went down to posterity as an original innovator of medieval proposals unification of all sciences.

Palavras-chave: Ciência – Arte – Ramon Llull – Filosofia Medieval.

Keywords: Science – Art – Ramon Llull – Medieval Philosophy.

¹ Doutoranda do programa “Transferencias Interculturales e Históricas en la Europa Medieval Mediterránea” do Institut Superior d'Investigació Cooperativa IVITRA [ISIC-2012-022] da Universitat d'Alacant (UA), Espanha. Orientadores: Profs. Drs. Vicent Martines (UA) e Ricardo da Costa (UFES). E-mail: fagiuberti@gmail.com.



COSTA, Ricardo da e SANTOS, Bento Silva (orgs.). *Mirabilia 19* (2014/2)

Nicolau de Cusa (1401-1464) em *Diálogo*

Nicolás de Cusa (1401-1464) en *Diálogo*

Nicholas of Cusa (1401-1464) in *Dialogue*

Jun-Dez 2014/ISSN 1676-5818

ENVIADO: 02.01.2014

ACEITO: 02.03.2014

I. Uma *Ciência Universal*

A obra de Ramon Llull (1232-1316) intitulada *Art abreujada d'atrobar veritat*, escrita em Mallorca por volta de 1274, da qual existe um texto latino posterior (publicado em Mogúncia, em 1721) passou por sucessivas elaborações, até adquirir sua versão definitiva em 1308, com o título *Ars generalis ultima* (*Arte Breve*).²

Trata-se de um sistema em que toda a realidade é reduzida a seus primeiros princípios. A combinatória desses princípios oferece um fundamento universal para todas as ciências.³ Posteriormente ela inspiraria muitos filósofos como, por exemplo, Nicolau de Cusa (1401-1464), Pico de La Mirandola (1463-1494), Giordano Bruno (1548-1600) e trezentos anos mais tarde o jovem Leibniz (1646-1716).⁴ Estes influenciados pelo ineditismo da *Arte* combinatória de Llull ambicionavam a criação de uma ciência universal, ou seja, uma ciência única, a *ciência das ciências*.

No entanto, é preciso salientar que o conceito de ciência não era ponto comum entre as mentes da época. Cada intelectual dividia o conhecimento de acordo com sua própria perspectiva.⁵ Por exemplo, para Pedro Lombardo (†1160), o conceito de ciência englobava a divina onipotência, o conhecimento humano e o dos anjos⁶. O dominicano São Alberto Magno

² SARANYANA, Josep-Ignasi. *A filosofia medieval-das origens patrísticas à escolástica barroca*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência "Raimundo Lúlio" (Ramon Llull), 2006, p. 377.

³ *Ibid.*, loc. cit.

⁴ COSTA, Ricardo da. "A criação da ciência universal: Ramon Llull e as premissas de sua *Arte*". In: SANTIAGO, Homero (Coord.). *Discutindo Filosofia 3*. São Paulo: Editora Escala, 2006. p. 2.

⁵ COSTA, Ricardo da. "Reordenando o conhecimento: a Educação na Idade Média e o conceito de *Ciência* expresso na obra *Doutrina pra Crianças* de Ramon Llull". In: OLIVEIRA, Terezinha (coord.). *Anais Completos da II Jornada de Estudos Antigos e Medievais*. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2002, p. 9. *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/artigo/reordenando-o-conhecimento-educacao-na-idade-media-e-o-conceito-de-ciencia-expresso-na-obra> (acesso em 30.12.2013).

⁶ COLISH, Márcia L. (Oberlin College), "Discipline and Science in Peter Lombard". In:

(c.1190-1280) considerava a ciência como a investigação das causas das coisas naturais (especialmente pela via aristotélica)⁷.

Já seu discípulo Tomás de Aquino (1225-1274) incluía a ciência como uma das três “virtudes intelectuais especulativas” (as outras seriam a sapiência e o intelecto)⁸. Na perspectiva medieval, a Teologia articulava e explicava todos os aspectos do conhecimento humano.⁹ Assim sendo, existiam diversas nuances a respeito da definição do conceito de ciência até o final do século XIII.¹⁰

Por fim, existiam neste período imbricações entre os conceitos de ciência e arte. Por exemplo, a jurisprudência, definida no século XIII como o “conhecimento das coisas divinas e humanas”, era entendida não só como ciência, mas também como arte. Em contrapartida, para os juristas, arte era a “imitação da natureza”.¹¹ Nesse novo ambiente de crescimento urbano, de redefinições conceituais e da necessidade de sistematização do conhecimento acumulado no século XII, Ramon Llull (1232-1316) apresentou sua própria noção de ciência.

Ela se baseava em três pressupostos:¹² 1) a concepção aristotélica (“ciência é conhecimento demonstrativo a partir de princípios”); 2) a observação empírica¹³ e 3) o próprio *ideal clássico de ciência*, isto é, um organismo unitário no

Scientia und Disciplina im 12. Und 13. Jahrhundert. Wissenstheorie und Wissenschaftspraxis im Wandel. Internationale Konferenz, *op. cit.*; COLISH, Márcia L. *Medieval Foundations of the Western Intellectual Tradition, 400-1400 (Intellectual History of the West)*. Yale University Press, 1999. In: COSTA, *op. cit.* p. 9, nota 05.

⁷ REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. “*História da Filosofia*. Antigüidade e Idade Média”. São Paulo: Paulinas, 1990, vol. I, p. 552. In: COSTA, *loc. cit.*

⁸ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes. Livraria Sulina Editora, Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1980, volume III, Questão 57, p. 1439-1440.

⁹ FRANCO JUNIOR, Hilário. “A doce França”. In: MONGELLI, Lênia Márcia (coord.). *Mudanças e Rumos: o Ocidente medieval (séculos XI-XIII)*, p. 74.

¹⁰ LÉRTORA MENDOZA, Celina A. “El Concepto y la Clasificación de la Ciencia en el Medioevo (ss. VI-XV)”. In: DE BONI, Luiz Alberto (org.). *A Ciência e a Organização dos Saberes na Idade Média*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000. p. 57-83.

¹¹ KANTOROWICZ, Ernst H. *Os dois corpos do rei*. Um estudo sobre teologia política medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 97.

¹² COSTA, *loc. cit.*

¹³ RAMON LLULL. “Libre de Anima Racional”. In: ORL, vol. XXI, 1950, p. 169.



COSTA, Ricardo da e SANTOS, Bento Silva (orgs.). *Mirabilia 19* (2014/2)

Nicolau de Cusa (1401-1464) em *Diálogo*

Nicolás de Cusa (1401-1464) en *Diálogo*

Nicholas of Cusa (1401-1464) in *Dialogue*

Jun-Dez 2014/ISSN 1676-5818

qual cada afirmação era interligada à outra e nenhuma delas poderia ser retirada, anexada ou mudada.¹⁴

Llull acreditava ter encontrado uma maneira de calcular, a partir dos padrões fundamentais da natureza, uma Arte que poderia aplicar-se, por analogia, a todas as artes e ciências. Segundo ele em sua Arte havia uma lógica natural, uma lógica fundamental baseada na realidade.¹⁵

Assim através dela, seria possível subir a escada do ser e entender a natureza de Deus, o que aos olhos de Llull era de suma importância. Por meio de sua Arte poderia converter aos judeus e muçulmanos, provando-lhes a verdade acerca da Trindade Cristã.

II. A Arte Breve (1308)

Deus, com a ajuda de Tua graça e amor, começa a Arte Breve, que é imagem da Arte Geral, assim intitulada: “Deus, com a ajuda de Tua suprema perfeição, começa a Arte Geral”.¹⁶

A razão pela qual Ramon Llull escreveu sua *Arte Breve* foi para que a *Arte Magna* fosse mais facilmente conhecida, pois conhecendo-se esta, tanto a Arte supracitada como as demais artes poderiam ser conhecidas e aprendidas com facilidade. Pois a finalidade dessa *Arte* é tão somente responder a todas as questões, sempre que se saiba o significado de cada termo.¹⁷

Seu livro se divide em treze partes, à similitude da *Arte Magna*. A primeira parte trata do alfabeto; a segunda das figuras; a terceira das definições; a quarta das regras; a quinta da tábula; a sexta da evacuação da terceira figura; a sétima da multiplicação da quarta figura; a oitava da mescla dos princípios e das regras; a nona dos nove sujeitos; a décima da aplicação; a décima-primeira das questões; a décima-segunda do hábito; a décima-terceira da maneira de se ensinar esta Arte.¹⁸

¹⁴ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 136.

¹⁵ YATES, Frances A. *Ensayos reunidos, I Lulio y Bruno*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1990, p. 14-15.

¹⁶ RAMON LLULL. *Arte Breve* (trad.: Ricardo da Costa e Felipe Dias de Souza). *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/sites/default/files/pdfs/artebreve.pdf> (acesso: 24.11.2013).

¹⁷ *Ibid.*, *loc.cit.*

¹⁸ *Ibid.*, *loc.cit.*

A *Arte* de Llull tinha um destino muito vasto, mas cabe-nos ressaltar apenas os cinco mais importantes: 1) Conhecer e amar a Deus, finalidade primordial e a primeira intenção da *Arte*; 2) Abraçar as virtudes e odiar os vícios. Este preceito converte-se na base da pregação de Llull; 3) Refutar as opiniões errôneas dos infiéis por meio de razões convincentes. Llull afirmava que o propósito da *Arte* consistia principalmente em demonstrar com razões necessárias, a verdade da Santa Fé Católica a todos aqueles que a ignoram, e em confirmá-la naqueles que a conhecem e nela creem, e tirar as dúvidas daqueles que dela duvidam, assim como confundir os erros dos infiéis que a menosprezam¹⁹; 4) Formular e resolver problemas. Essa é uma constante de sua *Arte*; 5) Poder adquirir outras ciências em um breve espaço de tempo e levá-las à suas conclusões necessárias segundo as exigências da matéria.

III. Da primeira figura, A

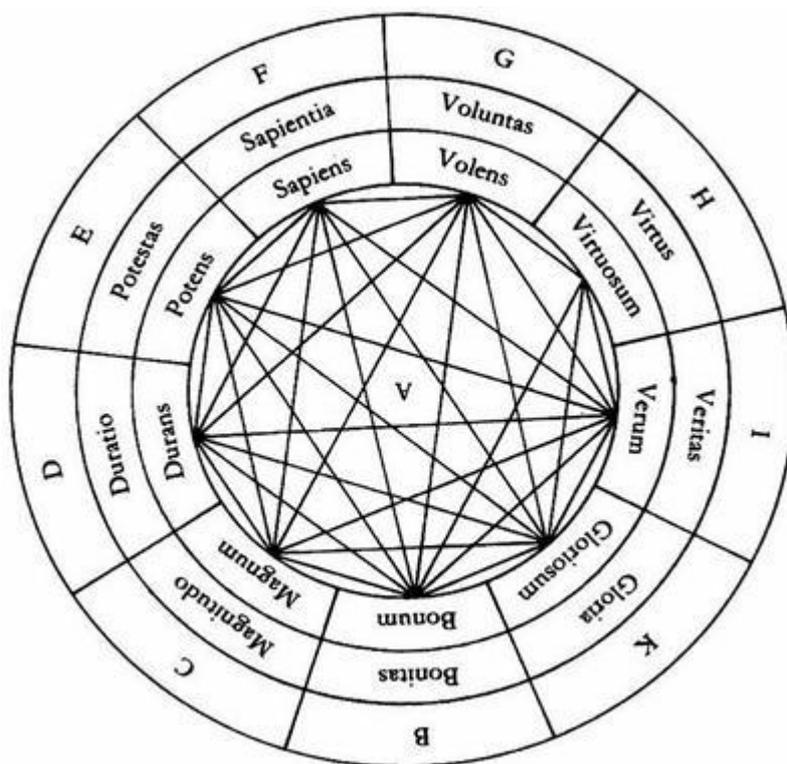


Imagem 1 - A figura A da *Arte breve* (escrito de 1308), figura que contém os princípios, isto é, as nove dignidades divinas originárias de toda a realidade.

¹⁹ BADIA, Lola; BONNER, Anthony. *Ramón Llull: vida, pensamiento y obra literaria*. Barcelona: Sirmio, Quaderns Crema, 1992, p. 106.



COSTA, Ricardo da e SANTOS, Bento Silva (orgs.). *Mirabilia 19* (2014/2)

Nicolau de Cusa (1401-1464) em *Diálogo*

Nicolás de Cusa (1401-1464) en *Diálogo*

Nicholas of Cusa (1401-1464) in *Dialogue*

Jun-Dez 2014/ISSN 1676-5818

Llull divide a segunda parte de sua *Arte* em quatro partes, ou seja, em quatro figuras. A primeira figura é a **A**. Esta figura contém em si os nove princípios divinos (Dignidades), originárias de toda a realidade, a saber, **Bondade, Magnitude, Eternidade, Poder, Sabedoria, Vontade, Virtude, Verdade, e Glória**, e nove letras, ou seja, **B, C, D, E, F, G, H, I, K**.²⁰ Nos princípios dessa figura se encontra incluído tudo o que existe, pois tudo o que existe ou é bom, ou é grande, etc, como Deus e o anjo, que são bons e grandes, etc. Por isso, tudo o que é se pode reduzir aos princípios acima citados.²¹

Como em todas as suas obras, a base estrutural do texto de Ramon Llull encontra-se em sua *Arte*, um sistema lógico-metafísico ilustrado por Deus e aplicável a qualquer tema ou problema específico (...). Para isso, a *Arte* Luliana tomava como ponto de partida de sua construção teórica, as dignidades de Deus.²²

Para Llull, as Dignidades eram as causas criadoras primordiais e seus Elementos o primeiro efeito de seu poder criador. Isto explica a importância primordial das figuras Elementais na *Arte* de Llull. O beato valorizava sua *Arte* principalmente por sua possibilidade missionária. Acreditava que uma *Arte* baseada nos princípios que eram reconhecidos pelas três grandes religiões - Cristianismo, Judaísmo e Islamismo - ofereceria argumentos infalíveis para a conversão de todos ao cristianismo.

Esta meta apaixonadamente missionária foi suprema na vida e na obra de Llull, ou seja, a força motriz que estava por detrás da incessante promoção de sua *Arte*.²³ Que seguiu estendendo-se e proliferando-se como método, ou melhor, como tentativa de um pensamento metódico que utilizava diagramas e anotações com letras. A peculiaridade da *Arte* Luliana é exatamente a utilização das letras do alfabeto, combinadas em figuras geométricas, para o tratamento de problemas e para dar respostas às questões, ou seja, uma espécie

²⁰ COSTA, *op. cit.*, p. 01 (nota 16).

²¹ *Ibid.*, p. 2.

²² PRING-MILL, Robert. "El Microcosmos Lull.lià." Palma de Mallorca: Editorial Moll, 1962. p. 31-32. In: COSTA, Ricardo da. "A educação na Idade Média: a Retórica Nova (1301) de Ramon Llull". In: LAUAND, Luiz Jean (coord.). *Revista NOTANDUM*, n. 16, Ano XI, 2008, p. 29-38. Editora Mandruvá - Univ. do Porto. *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/artigo/educacao-na-idade-media-retorica-nova-1301-de-ramon-llull> (acesso: 10.11.2013).

²³ YATES, 1990, p. 19

de lógica que prometia encontrar e demonstrar a verdade em todos os compartimentos do conhecimento.²⁴ A partir da Figura A, Llull criaria mais três figuras combinatórias, mas nosso propósito aqui é analisar apenas uma das dignidades apresentadas na Figura A, a saber, a Sabedoria divina.

IV. A Sabedoria como Atributo Divino

A sabedoria²⁵ (*Sapientia, Sapiens*) é apresentada por Llull em sua Figura A, como sendo a quinta dignidade (atributo) de Deus. Segundo a definição de Llull em sua *Arte*, a Sabedoria é a propriedade em razão da qual o sábio entende²⁶, isto é, que o entendimento é potência ou razão pela qual tudo quanto é inteligível, é inteligível.

Platão concebia a sabedoria como a virtude superior, (...), ou seja, a parte mais elevada da alma na divisão tripartida desta. Admitiu também, contudo, outros significados à sabedoria; por exemplo, a sabedoria como arte, no sentido de habilidade para praticar uma operação e a sabedoria como uma investigação das coisas naturais.

Mas o predomínio do significado teórico da sabedoria alcançou a sua máxima expressão em Aristóteles, quando este considerou a sabedoria como a ciência dos primeiros princípios e a identificou com a filosofia primeira (metafísica).²⁷

Já Hugo de São Vítor (1096-1141) via a sabedoria (*Sapiência*), não como algo, mas como Alguém, ou melhor, como a Segunda Pessoa da Trindade, o Verbo, o Logos, o Pensamento divino, a Mente de Deus.²⁸ Para ele, “de todas as coisas a serem procuradas, a primeira é a *Sapiência*, na qual reside a forma do bem perfeito (Deus)”.²⁹ Mas porque esta *Sapiência* deve ser a primeira a ser procurada? Porque ela - explica Hugo - é a nossa origem. Conhecendo-a,

²⁴ *Ibid.*, p. 28.

²⁵ *Sabedoria*: do hebraico *hōkmā* e do grego *σοφία* - *sophia*. Ciência profunda, conhecimento certo das coisas; senso, prudência, discrição.

²⁶ COSTA, *op. cit.* 2004. p. 6.

²⁷ MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: Publicação Dom Quixote, 1978, p. 250.

²⁸ SÃO VÍTOR, Hugo de. *Didascálion da arte de ler*. Introdução e tradução Antonio Marchionni. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p. 10.

²⁹ *Ibid.*, *loc. cit.*

conhecemos a nós mesmos.³⁰ Mas o que significa para o homem conhecer-se a si mesmo, senão conhecer a sua própria origem, o lugar divino de onde veio?³¹ Este era um dos desafios de Llull, fazer com que Deus fosse conhecido pelos infiéis em sua totalidade, desafio este que só seria possível através de sua *Arte*.

Por sua vez, podemos considerar sábio, aquele que possui todas as condições necessárias para pronunciar juízos reflexivos e maduros. Por isso o sábio é chamado também de o homem prudente, o judicioso por excelência.³² Pois a regra do sábio é a prudência, a sabedoria, pela qual se elimina todas as necessidades supérfluas, pois só a virtude é necessária³³. O homem sempre buscou aproximar-se de Deus para adquirir o conhecimento, pois Ele acha-se toda a sabedoria.

E se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e não o lança em rosto; e ser-lhe à dada. Tg. 1.5. Porque o Senhor dá a sabedoria, e da sua boca vem o conhecimento e o entendimento. Pv. 2. 4.

Podemos considerar Salomão um clássico exemplo do homem prudente que fez a melhor escolha. Escolheu a Sabedoria para governar ao invés das riquezas, pois compreendeu que a maior riqueza era a de estar em Deus, compartilhando de um de seus atributos. Segundo ele a Sabedoria existe desde a eternidade. Em seu livro de Provérbios³⁴ escreve uma narrativa onde a Sabedoria testifica de sua origem em Deus.

O Senhor me criou como a primeira das suas obras, o princípio dos seus feitos mais antigos.

Desde a eternidade fui constituída, desde o princípio, antes de existir a terra.

Antes de haver abismos, fui gerada, e antes ainda de haver fontes cheias d'água.

³⁰ *Ibid.*, *loc. cit.*

³¹ *Ibid.*, p.11.

³² MORA, *loc. cit.*

³³ *Ibid.*, p. 108.

³⁴ A palavra hebraica *mashal*, traduzida por “provérbio”, tem os sentidos de “oráculo”, parábola ou máxima sábia. O *Livro de Provérbios* representa a sabedoria dos sábios. Por isso há declarações longas, concisas e ricas de sabedoria divina, para se viver de modo prudente e justo.



COSTA, Ricardo da e SANTOS, Bento Silva (orgs.). *Mirabilia 19* (2014/2)

Nicolau de Cusa (1401-1464) em *Diálogo*

Nicolás de Cusa (1401-1464) en *Diálogo*

Nicholas of Cusa (1401-1464) in *Dialogue*

Jun-Dez 2014/ISSN 1676-5818

Antes que os montes fossem firmados, antes dos outeiros eu nasci, quando ele ainda não tinha feito a terra com seus campos, nem sequer o princípio do pó do mundo.

Quando ele preparava os céus, aí estava eu; quando traçava um círculo sobre a face do abismo, quando estabelecia o firmamento em cima, quando se firmavam as fontes do abismo, quando ele fixava ao mar o seu termo, para que as águas não traspassassem o seu mando, quando traçava os fundamentos da terra, então eu estava ao seu lado como seu aluno; e era cada dia as suas delícias, alegrando-me perante ele em todo o tempo, folgando no seu mundo habitável e achando as minhas delícias com os filhos dos homens.³⁵

Há nessa passagem a personificação da sabedoria, como semelhante à personificação do *logos* (“O Verbo”). A sabedoria está empenhada na criação, está relacionada à origem da vida física e espiritual, está disponível aos que a buscam e está pronta à dar o entendimento àqueles que desejam. Mas a sabedoria tem sua expressão plena em Jesus Cristo, a pessoa “maior que Salomão”, que foi feito por Deus sabedoria (ICo.1.30) e em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da Ciência (Cl, 2.3).

Existe uma diferença fundamental entre a sabedoria divina e a humana: a divina é o conhecimento absoluto e pleno de todas as coisas. A humana é o conhecimento relativo de algumas coisas que a mente do homem pode alcançar e reter. Portanto, a sabedoria humana alcança apenas, o início sapiencial de horizontes infindos que a mente humana não consegue divisar, por se tratar de um campo exclusivamente reservado ao próprio autor da sabedoria: Deus.³⁶

Pois bem, Llull afirmava que sua *Arte* definia os princípios divinos (sabedoria) e que os mesmos deveriam ser utilizados de maneira tal, que as definições permanecessem invariáveis, pois com tais condições o intelecto faz ciência, encontra meio-termo e foge da ignorância, que é sua inimiga.³⁷

³⁵ Pv.8.22,31.

³⁶ CONDE, Emílio. *Tesouros de conhecimentos bíblicos*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1983. p. 589.

³⁷ COSTA, 2004, p. 6.



COSTA, Ricardo da e SANTOS, Bento Silva (orgs.). *Mirabilia 19* (2014/2)

Nicolau de Cusa (1401-1464) em *Diálogo*

Nicolás de Cusa (1401-1464) en *Diálogo*

Nicholas of Cusa (1401-1464) in *Dialogue*

Jun-Dez 2014/ISSN 1676-5818

V. Conclusão

Todos os escritos científicos Lulianos são um intento de aplicar um sistema geral aos outros campos do conhecimento. O beato não tentava fazer avançar as ciências, mas dar alguns fundamentos teóricos e coerentes a uma série de campos que ele e outros de seu tempo viam como um amálgama de fatos empíricos, muitas vezes aceitáveis tão somente porque eram considerados tradicionalmente como verdadeiros. Llull desenvolveu, ampliou e reescreveu várias vezes sua *Arte*, sempre com o objetivo de apresentá-la a seus contemporâneos, baseando-a em uma filosofia de conversão, firmada na observação da realidade, e com o objetivo de provar racionalmente a existência da Santa Trindade aos infiéis³⁸.

Além disso, este papel pragmático da *Arte* junto da abolição do hiato entre fé e razão, entre teologia e filosofia, permitiu a Ramon Llull realizar o velho sonho agostiniano da unidade do saber.³⁹

Fontes

RAMON LLULL. *Arte Breve* (trad.: Ricardo da Costa e Felipe Dias de Souza). *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/sites/default/files/pdfs/artebreve.pdf> (acesso: 24.11.2013).

RAMON LLULL. “*Libre de Anima Racional*”. In: ORL, vol. XXI, 1950.

Bibliografia

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BADIA, Lola; BONNER, Anthony. *Ramón Llull: vida, pensamiento y obra literária*. Barcelona: Quaderns Crema, 1992.

Bíblia de Estudo Pentecostal. Trad. João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro:1995.

COLISH, Márcia L. (Oberlin College), “Discipline and Science in Peter Lombard”. In: *Scientia und Disciplina im 12. und 13. Jahrhundert. Wissenstheorie und Wissenschaftspraxis im Wandel. Internationale Konferenz*

CONDE, Emílio. *Tesouros de conhecimentos bíblicos*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1983.

³⁸ COSTA, Ricardo da. “*A experiência religiosa e mística de Ramon Llull: a infinidade e a eternidade divinas no Livro da contemplação (c.1274)*”. In: *Scintilla - Revista de Filosofia e Mística Medieval*. Curitiba: Faculdade de Filosofia São Boaventura (FFSB), vol. III. n. 1, janeiro/junho 2006, p.107-133.

³⁹ BADIA, Lola; BONNER, Anthony. *loc. cit.*



COSTA, Ricardo da e SANTOS, Bento Silva (orgs.). *Mirabilia 19* (2014/2)

Nicolau de Cusa (1401-1464) em *Diálogo*

Nicolás de Cusa (1401-1464) en *Diálogo*

Nicholas of Cusa (1401-1464) in *Dialogue*

Jun-Dez 2014/ISSN 1676-5818

- COSTA, Ricardo da. “A experiência religiosa e mística de Ramon Llull: a infinidade e a eternidade divinas no *Livro da contemplação* (c.1274)”. In: *Scintilla - Revista de Filosofia e Mística Medieval*. Curitiba: Faculdade de Filosofia São Boaventura (FFSB), vol. III, n. 1, janeiro/junho 2006.
- _____. A criação da ciência universal: Ramon Llull e as premissas de sua *Arte*. In: SANTIAGO, Homero (Coord). *Discutindo Filosofia 3*. São Paulo: Editora Escala, 2006.
- KANTOROWICZ, Ernst H. *Os dois corpos do rei*. Um estudo sobre teologia política medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- La Santa Bíblia. *Antigua versión de Casiodoro de Reina (1569)*, revisada por Cipriano de Valera (1602). Espanha: Sociedades Bíblicas Unidas (SBU), 1960.
- LÉRTORA MENDOZA, Celina A. “El Concepto y la Clasificación de la Ciencia en el Medievo (ss. VI-XV)”. In: DE BONI, Luiz Alberto (org.). *A Ciência e a Organização dos Saberes na Idade Média*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.
- MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: Publicação Dom Quixote, 1978.
- PRING-MILL, Robert. *El Microcosmos lull.lià*. Palma de Mallorca: Editorial Moll, 1962.
- REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*. Antigüidade e Idade Média. São Paulo: Paulinas, 1990, vol. I.
- SÃO VÍTOR, Hugo de. *Didascálion da Arte de ler*. Introdução e tradução Antonio Marchionni. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- SARANYANA, Josep-Ignasi. *A Filosofia Medieval-das origens patrísticas à escolástica barroca*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lulio” (Ramon Llull), 2006.
- TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes. Livraria Sulina Editora, Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1980.
- YATES, Frances A. *Ensayos reunidos, I Lulio y Bruno*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.